

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS  
ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE CIÊNCIAS**

VÂNIA MARIA MONTEIRO SCHOTT

**ORIENTAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA:  
UMA REFLEXÃO SOBRE O PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

MEDIANEIRA

2014

VÂNIA MARIA MONTEIRO SCHOTT

**ORIENTAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA:  
UMA REFLEXÃO SOBRE O PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM**

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Especialização em Ensino de Ciências da Universidade Tecnológica Federal do Paraná como requisito parcial para obtenção do título de “Especialista no Ensino de Ciências”.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Me. Márcia Antonia Bartolomeu Agustini

MEDIANEIRA

2014



Ministério da Educação  
**Universidade Tecnológica Federal do Paraná**  
Diretoria do Campus Medianeira  
Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação  
**Especialização em Ensino de Ciências**



---

## TERMO DE APROVAÇÃO

ORIENTAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA:  
UMA REFLEXÃO SOBRE O PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM  
por

**VÂNIA MARIA MONTEIRO SHOTT**

Esta monografia foi apresentada às 11:00hs. do dia 05 de Abril de 2014 como requisito parcial para a obtenção do título de **ESPECIALISTA NO ENSINO DE CIÊNCIAS** da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. A candidata foi arguida pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho

---

Orientadora: Profª Me. Márcia Antonia Bartolomeu Agustini

---

Profª: Graciela Leila Heep Viera

---

Profª: Saraspathy Naidoo Terroso Gama de Mendonça

---

Profª: Leidi Cecília Friedrich

Dedico em especial à minha família, pela força.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, pela supremacia...

Aos professores por sua sabedoria

À todos os funcionários pela dedicação.

“Acusar os outros pelos próprios infortúnios é um sinal de falta de educação; acusar-se a si mesmo mostra que a educação começou; não acusar nem a si mesmo nem aos outros mostra que a educação está completa” (Epicteto).

## RESUMO

SHOTT, Vânia Maria Monteiro. **Orientação sexual na escola: uma reflexão sobre o processo ensino aprendizagem.** 2014, 44 p. Monografia (Especialização em Ensino de Ciências). Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Medianeira, 2014.

A sexualidade é um tema bastante relevante, frente à sociedade, a escola e mesmo no seio familiar. Assim, a escola, como instituição inserida na sociedade, não pode se considerar um espaço assexuado e neutro, pois é um espaço privilegiado para discutir relações. Portanto, este trabalho fez uma abordagem bibliográfica e pesquisa de campo, referente à orientação sexual na escola, fazendo uma reflexão sobre o processo ensino aprendizagem. Assim, o objetivo geral foi analisar a relação da escola com a sexualidade em seus aspectos biológicos, psicológicos, sociais, políticos, religiosos, éticos e culturais. Para isso é preciso entender que independente da área de conhecimento do educador, estes sempre podem ser incluídos como conteúdos de Orientação Sexual e devem trabalhar a sexualidade despojada dos mitos, tabus e preconceitos. Entretanto, percebe-se que a sexualidade possui diferentes condições, aparências e sentidos, e por isso se modifica no decorrer do tempo. Entretanto, existem muitas formas de trabalhar a sexualidade nas escolas: projetos que possam envolver a comunidade num todo; filmes também são excelentes formas de informação; palestras com profissionais da saúde; apresentação dos métodos contraceptivos é muito importante, desde os mais simples até os mais complexos, mostrando aos alunos como utilizá-los. Desse modo compreende-se que a sexualidade está sempre aberta a novos valores e novas práticas de significação. Neste contexto, com este trabalho percebeu-se a necessidade de investir na formação de docentes que possam mediar o desenvolvimento da consciência corporal, do respeito a si mesmo e ao outro, bem como, de fazer com que a educação sexual na escola seja capaz de ampliar os conhecimentos dos alunos, fornecendo subsídios para que os educandos façam suas próprias escolhas acerca da sexualidade.

**Palavras-Chave:** Escola. Família. Ensino Aprendizagem. Sexualidade.

## ABSTRACT

Shott, Vania Maria Monteiro. **Sexual orientation at school: a reflection on the learning process.** 2014, 44 pages. Monografia (Especialização em Ensino de Ciências). Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Medianeira, 2014.

Sexuality is a very relevant topic, from society, school and even within families. Thus, the school as an institution within society, can not be considered an asexual and neutral space, because it is a privileged space to discuss relationships. Therefore, this paper made a bibliographical and field research approach, referring to sexual orientation in school, making a reflection on the teaching learning process. Thus, the overall objective was to analyze the relationship between school and sexuality in its biological, psychological, social, political, religious, ethical and cultural. For this you need to understand that regardless of area of expertise of the educator, these can always be included as content Sexual Orientation and must work divested of sexuality myths, taboos and prejudices. However, you realize that sexuality has different conditions, appearances and meanings, and therefore changes over time. However, there are many ways of working sexuality in schools: projects that can involve the community as a whole; films are also excellent forms of information; lectures to health professionals; presentation of contraceptive methods is very important, from the simplest to the most complex, showing students how to use them. Thus it is understood that sexuality is always open to new values and practices of signification. In this context, this paper realized the need to invest in teacher training programs that may mediate the development of body awareness, respect yourself and others as well, to make sex education in school is able to expand students knowledge, supporting the students to make their own choices about sexuality.

**Keywords:** School. Family. Teaching and Learning. Sexuality.



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Tipo de sexo .....	24
Figura 2 – Idade dos alunos .....	25
Figura 3 – Importância da educação sexual na escola .....	26
Figura 4 – Dúvidas sobre sexualidade .....	26
Figura 5 – Com quem conversar sobre sexualidade .....	27
Figura 6 – Como obter informações sobre Sexualidade .....	27
Figura 7 – Informação sobre sexualidade .....	28
Figura 8 – Opiniões levadas em conta com relação ao comportamento sexual .....	28
Figura 9 – Assuntos que mais tem dúvidas e gostariam de conversar .....	29
Figura 10 – Desenvolvimento da sexualidade dentro da disciplina .....	30
Figura 11 – Conhecimento sobre a abordagem da educação sexual nos PCNs ....	31
Figura 12 – Preocupação dos professores ao trabalhar a educação sexual .....	32
Figura 13 – Profissional mais indicado para trabalhar com a sexualidade dentro da escola .....	32
Figura 14 – Maiores desafios no trabalho com educação sexual na escola .....	33
Figura 15 – Fator principal para a proteção sobre sexo seguro .....	34

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	12
2.1 SEXUALIDADE .....	12
2.2 O PAPEL DA FAMÍLIA .....	15
2.3 EDUCAÇÃO SEXUAL .....	17
2.4 ORIENTAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA .....	18
2.5 A ESCOLA E A SEXUALIDADE .....	21
2.6 O PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM .....	22
<b>3 MATERIAIS E MÉTODOS</b> .....	23
3.1 TIPO DE PESQUISA .....	23
3.2 PESQUISA DE CAMPO .....	23
3.3 ANÁLISE DOS DADOS .....	24
3.3.1 Resultados e discussão do questionário aplicado aos alunos.....	24
3.3.2 Resultados e discussão do questionário aplicado aos professores .....	30
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	35
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	36
<b>APÊNDICES</b> .....	40

## 1 INTRODUÇÃO

Orientação sexual na escola: uma reflexão sobre o processo ensino aprendizagem se faz relevante, uma vez que atualmente, os jovens iniciam as atividades sexuais muito cedo e sem as devidas precauções e cuidados.

Logo, vale fazer uma análise sobre como as escolas e os profissionais do ensino, avaliam este tema, visto que, deve-se ter uma postura informativa e esclarecedora para uma boa orientação aos alunos, uma vez que, muitos pais encontram dificuldades em falar ou responder sobre sexualidade com seus filhos.

Estudos recentes têm mostrado que a escola é depois da família o primeiro meio social no qual a criança passa. Mas, as informações passadas pela escola, não mudam o comportamento dos adolescentes, mas se faz necessário uma reflexão sobre as curiosidades e questionamentos enfrentados pelos alunos e assim fazê-los conscientes de suas atitudes e opiniões.

Assim, é importante conhecer as influências recebidas pelos adolescentes, para serem ajudados a terem uma visão clara sobre como exercer sua sexualidade com prazer e com responsabilidade, evitando assim uma gravidez não planejada ou aquisição de uma doença sexualmente transmissível, a contaminação pelo HIV e mesmo um aborto.

É neste contexto, que segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN's, a disciplina de Ciências que estuda o corpo humano e que tem por finalidade conseguir uma educação para a cidadania, formando cidadãos mais críticos e responsáveis com seus problemas perante o social, favorece a discussão sobre o tema em questão.

Desta forma, cabe aos educadores esclarecer com clareza essas questões, oferecendo possibilidades positivas nas relações sexuais, investindo em diálogos francos que possam esclarecer e sanar curiosidades e dúvidas para então qualificar como está a comunicação sexual com os adolescentes.

Assim, o objetivo geral deste trabalho é analisar a relação da escola com a sexualidade em seus aspectos biológicos, psicológicos, sociais, políticos, religiosos, éticos e culturais.

Portanto, os objetivos específicos serão analisar como a instituição de ensino expõe o tema sexualidade; observar quais são as metodologias aplicadas

pelos professores em relação à sexualidade na adolescência e evidenciar a forma como os adolescentes recebem as informações sobre a orientação sexual.

A abordagem desse tema, dentro do contexto escolar, pode formar jovens mais fortes psicologicamente, com maiores chances de se integrarem à sociedade de forma satisfatória e que interajam mais das atividades propostas no âmbito escolar, e assim quem sabe possam fazer uso das diversas informações adquiridas ao longo de sua juventude (BALEEIRO, 1999).

Assim, levando em consideração que a boa orientação sexual deve estimular a reflexão, pode-se dizer que independentemente do tema a ser discutido, ele sempre será importante e curioso tanto para as crianças quanto para os jovens. Portanto, a cada dia que passa este tema encontra-se mais presente nos lugares e na vida dos alunos.

Para melhor entendimento, este trabalho está dividido em capítulos, iniciando pelo embasamento teórico a respeito do assunto em questão.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 A SEXUALIDADE

A adolescência é caracterizada pelo surgimento de características sexuais secundárias para a maturidade sexual em que a vida psicológica passa, dando lugar à vida adulta. Percebe-se que o fenômeno da adolescência compreendido pela sociedade é influenciada pelo comportamento dos indivíduos por contexto de região, classe social, cultural, raça gênero, considerando o meio social em que se está inserido.

É um momento caracterizado como emocional devido às novas situações que eles se encontram. Fatores sociais e ambientais atuam diferencialmente, fazendo com que alguns jovens sejam mais inseguros e tensos do que os outros (NETTO, 1976 p. 96). Com essa curiosidade em relação a sexualidade surgem vários aspectos que devem ser discutidos com os jovens e adolescentes, tais como: Gravidez na adolescência, alertar sobre as DST'S, como se proteger entre outros.

Embora pouco se saiba sobre a 'entrada' do termo sexualidade nas escolas, alguns estudiosos apontam que na França, a partir da segunda metade do século XVIII, a chamada educação sexual, começou a preocupar os educadores, coincidindo com o desenvolvimento de noções relativas à repressão das manifestações da sexualidade infantil. Porém, nesse momento, o motivo maior era o combate à masturbação, tendo como fundamento as ideias de Rousseau, para quem a ignorância era a melhor garantia de manutenção da pureza infantil. Na medida em que não se podia assegurar a ignorância absoluta, a informação dirigida e repressiva era o menor dos males, preservando assim a criança dos 'perigos' da sexualidade (SAYÃO, 1997, p. 107).

Porém, a partir do século XIX, surgiram as primeiras pesquisas sobre sexualidade como objeto de estudo, resultadas de "uma vontade de saber e [...] um desejo de interpretar os movimentos secretos do corpo", em uma sociedade que já não aceitava mais a velha retórica religiosa da carne e da procriação segundo (BONZON, 2004, p.17).

Denota-se que o termo sexualidade vem ao longo dos anos sofrendo influências de toda uma estrutura social, histórica e cultural, em seu tempo, valores e regras. Nestes termos, Guimarães (1995, p. 23) relata que:

O homem foi elaborando, histórica e culturalmente, um conjunto de posturas em torno do sexo, que fez com que este transcendesse o próprio sexo. Surgiram tantas exigências, regras, cerimônias, interdições e permissões que tornaram a atividade sexual um tabu.

Em meio a uma sociedade moralista e repressora, Freud apresenta a teoria desenvolvida através de estudos que investigaram a relação existente entre as doenças e a sexualidade. Freud classificou as neuroses como sendo em sua maioria de ordem sexual, afirmou a existência da sexualidade infantil e com muita propriedade defendeu a ideia de que “a sexualidade é que está na base de qualquer expressão humana” (CABRAL, 1995, p.26).

E assim, a sexualidade refletiu-se também na área da educação. Assim, Souza (*apud* AQUINO, 1997, p. 22) afirma que:

O confronto entre educação e sexualidade tem uma longa tradição no pensamento de Freud [...] Textos não faltam em que Freud chama a atenção para uma norma sexual em que não leva em conta a individualidade e a idiosincrasia de cada um de seus membros, o que torna a moral sexual civilizada uma das principais responsáveis pela neurose. Mas, se aponta os exageros dessa moral e lamenta suas vítimas, não espera que a educação possa ser outra coisa que a repressão sem tréguas ao preenchimento do desejo humano, porque a civilização supõe essa repressão para constituir-se, para estabelecer vínculos cada vez mais amplos entre os homens, para a criação das produções mais altas da cultura.

Já Wilhelm Reich, discípulo de Freud, considerou a repressão sexual como um mecanismo utilizado pelo capitalismo, com o intuito de formar pessoas obedientes que servissem aos ideais da exploração da economia. Assim, ele desenvolveu ideia muito ousada para a época como clínicas de orientação sexual, falava declaradamente sobre contracepção, aborto e prazer sexual, além de defender o divórcio, segundo Garcia (2005).

Numa ideia totalmente aferente à linha de Freud e Reich, o capitalismo atribui ao sexo algo como muito importante, ou seja, o ideal do consumismo erótico, como: *sex-shops*, vibradores, sexo em grupo, motéis e novas formas de estimular a sexualidade (NUNES, 1987, p. 74).

É neste contexto geral, que hoje, no século XXI, as pessoas estão ligadas pela tecnologia, que até fazem sexo virtual, venda de produtos estimulantes, aliciavam-se crianças à prostituição, casas noturnas apresentam sexo explícito, entre tantos outros atrativos. Até mesmo para a venda de um carro, roupas, por exemplo, são apresentadas por meninas sensuais, e assim ocorre a exploração sensual – o sexo banalizado (GARCIA, 2005).

Neste sentido Nunes (1996, p. 229) alerta que:

É de fundamental importância, destacarmos a necessidade da crítica à sexualidade consumista, esta sim também desumanizadora, reduzindo corpos e pessoas a um conjunto de experiências vorazes, frustrantes e compensatórias de grandes ausências de sentido, sugerindo a existência de problemas, muito mais complexos.

A necessidade e a curiosidade de aprender coisas a respeito do sexo estão presentes no ser humano na mesma proporção das outras curiosidades e necessidades. É comum, quando pequenas, crianças terem a curiosidade de conhecer o próprio corpo, seu sexo, o sexo oposto, o corpo dos seus pais, colegas, fazer comparações com crianças do mesmo sexo e sexo oposto.

A maneira que os adultos recebem estas curiosidades tem muito a ver com o desenvolvimento posterior de problemas relacionados à sexualidade.

Observa-se uma vasta literatura tratando sobre este tema ainda tão polêmico nos nossos dias.

Na visão de Zanini (1997, p. 18): “A sexualidade é um elemento que define o homem e o distingue dos animais e dos anjos [...]”. Sexualidade é uma dimensão da sua sexualidade em todo o seu corpo. O cabelo, a voz, transmite sexualidade e define se é masculino ou feminino. As mãos, a maneira de caminhar, o pensamento, o amor, enfim, todo nosso corpo é caracterizado pelo sexo. Cada fibra e cada célula possuem sinais da própria célula. “Os gestos trazem caráter do sexo, o meu sexual e sexuado [...]” no ser humano tudo é sexuado.

Na citação, o autor afirma que a sexualidade está presente em nossas vidas em todos os sentidos e que ela é abrangente, porém, tem sido restringida e não podendo ser entendida na sua amplitude.

Para os autores Nunes e Silva (2006, p. 65):

A sexualidade humana é uma conquista que demorou a se efetivar, talvez ainda não estejamos vivendo a melhor forma de abordagem da sexualidade através da transversalidade, mas este é, com certeza, um momento

histórico importante para nos aproximarmos de algo mais efetivo, no sentido e direção de uma educação sexual emancipatória.

Estes autores trazem à tona a necessidade de um trabalho efetivo sobre o tema, visto que, parece haver uma falha na educação por parte de pais e educadores. Relatam também que um trabalho efetivo nesta área pode levar a uma educação sexual emancipatória, ou seja, uma utopia ético política e de uma intervenção institucional significativa na escola. A emancipação pode ser entendida como formação para a compreensão plena, integral, histórica, ética, estética e psicossocialmente significativa e consciente das potencialidades sexuais humanas e sua vivência subjetiva e socialmente responsável e realizadora (NUNES; SILVA 2006).

Teoricamente, segundo Favero (2013), a sexualidade assim como é conhecida, inicia-se juntamente à puberdade ou adolescência, o que deve ocorrer por volta dos 12 anos de idade (Art. 2º – Estatuto da Criança e do Adolescente). Entretanto, em prática, sabe-se que não se configura exatamente desta forma. O termo “sexualidade” nos remete a um universo onde tudo é relativo, pessoal e muitas vezes paradoxal. Pode-se dizer que é traço mais íntimo do ser humano e como tal, se manifesta diferentemente em cada indivíduo de acordo com a realidade e as experiências vivenciadas pelo mesmo.

## 2.2 O PAPEL DA FAMÍLIA

Chegado o momento de cuidar da educação sexual dos filhos, muitos adultos não acreditam que a criança tenha uma curiosidade sexual normal e por isso, quando questionados a respeito, dão respostas evasivas, ingênuas, mentirosas ou simplesmente não respondem. Em relação a esta visão, Tiba (1994, p. 51) esclarece que o despertar do sexo segue em curso e ritmo naturais, determinados biologicamente. E completa que nem sempre este ritmo é respeitado pelos pais ou até mesmo pela criança ou adolescente.

Para Bock, et al. (1999,p. 251):

Os pais são modelos de como é ser homem e ser mulher: padrões de conduta que, em nossa cultura, são marcadamente diferentes. Assim, a



família reproduz, em seu interior, a cultura que a criança internalizará. É importante considerar aqui o poder que a família e os adultos têm no controle da conduta da criança, pois ela depende deles para a sua sobrevivência física e psíquica.

Desta forma, considera-se que a família pode desencadear desenvolvimentos positivos para encarar situações cotidianas, permitindo assim, que a criança se ajuste a diferentes ambientes do qual ela fará parte, e este vínculo, esta estrutura familiar, anestesia a percepção das pequenas modificações do dia a dia, por isso a família tem grande influência no desenvolvimento infantil, momento em que a criança começa a formar valores, condutas e personalidade.

Os pais devem considerar-se como mestres, pois os ensinamentos, as experiências as quais eles transmitem aos filhos, serão as verdadeiras aprendizagens de ser humano que a criança carregará ao longo de sua vida. Nada é mais importante para o desenvolvimento da criança do que esse agrupamento de valores, afetividade e educação, que futuramente possibilitará a ela a efetuar escolhas e assumir pequenas responsabilidades favorecendo, assim, o desenvolvimento da sua autoestima, que se torna um foco essencial para que as crianças se sintam confiantes e felizes.

Para Tiba (2002, p. 120), o amor é fundamental para que o bebê desenvolva a sua autoestima, que é um dos principais fatores da felicidade.

E este processo de amadurecimento da criança provém quando a família adquire o seu verdadeiro papel, que é preparar um indivíduo para a sociedade é contrariar todas as dificuldades existentes, já que viver num mundo onde todas as formas de aprendizagem se evoluíram muito, o papel da família também se torna cada vez mais necessária e difícil.

A família nada mais é que o alicerce de uma obra que deverá permanecer firme por muitos anos para que suporte todas as impreviões que possam vir. Logo Tiba (2002), informa que é fundamental que os pais estabeleçam as bases sobre as quais apoiarão a educação dos filhos, pois serão os alicerces das novas casas a serem construídas. Como os filhos são diferentes entre si, cada casa poderá ter seu próprio estilo de vida e arquitetura, mas sem alicerce qualquer ventania ou temporal poderá derrubá-la.

Assim para Zanini (1997), a sexualidade é uma dimensão fundamental de todo o ser humano. Todas as nossas relações são penetradas pela sexualidade.

Pensamento, desejos, afetividade e comportamento são atravessados pelo nosso modo pessoal de viver a sexualidade. O dualismo fazia dizer temos um corpo. Hoje dizemos: o homem é um corpo.

Portanto, observa-se que para o autor a sexualidade é muito mais do que genitalidade, é um conjunto de sensações que experimentamos no decorrer de nossas vidas, é como nos relacionamos com o próprio corpo, com as pessoas que nos rodeiam, são atitudes e comportamentos, o que diferencia é o modo com que cada ser humano trata a sua sexualidade e isso varia com a forma que esta foi trabalhada em todas as etapas do desenvolvimento.

As transformações da sexualidade infantil, segundo Nunes; Silva (2006, p. 49) significam que a criança é um ser em desenvolvimento, sendo preciso observá-la e respeitá-la o que se vê com frequência são adultos perseguindo crianças que manifestam estas atitudes sexuais, como se estas expressões do desenvolvimento sexual da criança fossem vícios. Quando isso acontece, podem ficar seriamente prejudicadas a formação da personalidade e a capacidade de vivência da sexualidade do indivíduo, por isso os adultos devem orientar de forma certa e na hora certa.

### 2.3 EDUCAÇÃO SEXUAL

Segundo o Guia de Orientação Sexual, (1994, p. 8) "educação sexual constitui-se no processo informal pelo qual aprendemos sobre a sexualidade ao longo da vida, seja através da família, da religião, da comunidade, dos livros ou da mídia." Seriam, portanto, aquelas informações transmitidas pelos pais à criança, desde o nascimento, por meio de atitudes, gestos ou ideias e que permitem ao indivíduo modificar conceitos e comportamentos.

Não há dúvida de que os primeiros educadores sexuais seriam os próprios pais, porque a eles compete a maior parcela de responsabilidade na formação dos filhos. Entretanto, como os pais, via de regra, têm dificuldades em falar sobre sexo com os filhos (dificuldades estas, na maioria dos casos, de cunho cultural), foi deixado a cargo da escola a realização desta tarefa. O grande desafio é capacitar-se para desenvolver o trabalho, uma vez que a educação sexual não pode ser

dissociada da educação como um todo. Portanto, faz-se necessária a preparação dos professores, tornando-os bem informados, prontos e conscientes da importância de sua atuação na área da sexualidade. O reconhecimento, por parte de pais e professores, de que a educação sexual é indispensável na formação integral do indivíduo fez com que fossem implantadas diretrizes da pedagogia sexual nas escolas, é importante saber que o verdadeiro papel da escola é complementar a educação dada pela família. (GUIA DE ORIENTAÇÃO SEXUAL, 1994).

Portanto para um bom trabalho de educação sexual, é necessário que se estabeleça uma relação de confiança entre alunos e professores. Para isso o educador deve se mostrar disponível para conversar a respeito das questões apresentadas, não emitir juízo de valores sobre as colocações feitas pelos alunos e responder as perguntas de forma direta e esclarecedora. Informação correta do ponto de vista científica ou esclarecimentos sobre as questões trazidas pelos alunos são fundamentais para seu bem estar e tranquilidade, para uma maior consciência de seu próprio corpo e melhores condições de prevenção às doenças sexualmente transmissíveis, gravidez indesejada e abuso sexual.

## 2.4 ORIENTAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA

A discussão sobre a inclusão da temática da sexualidade no currículo das escolas de ensino fundamental e médio vem se intensificando desde a década de 70, provavelmente em função das mudanças comportamentais dos jovens dos anos 60, dos movimentos feministas e de grupos que pregavam o controle da natalidade.

O Guia de Orientação Sexual (1994, p. 8) nos diz que: "orientação sexual propõe-se a fornecer informações sobre sexualidade e organizar um espaço de reflexões, questionamentos sobre postura, tabus, crenças e valores a respeito dos relacionamentos e comportamentos sexuais (enfoque biopsicossocial)".

Já os Parâmetros Curriculares Nacionais nos diz que o objetivo do trabalho de orientação sexual é contribuir para que os alunos possam desenvolver e exercer sua sexualidade com prazer e responsabilidade. (BRASIL, 1997).

Para complementação observa-se no Guia de Orientação Sexual (1994) que este desenvolvimento deve oferecer parâmetros para a discriminação de

comportamentos ligados à sexualidade que demandam privacidade e intimidade, assim como reconhecimento das manifestações de sexualidade passíveis de serem expressas na escola.

Portanto, o orientador sexual, é aquele educador que para transmitir aos seus alunos conhecimentos na área da sexualidade deve levar em conta o modo de vida dos alunos, seus valores e suas ideias. Além de se dispor a trazer informações científicas, podendo então criar oportunidades para um permanente diálogo e para a discussão das questões que chegam à sala de aula.

Propõe-se que a Orientação Sexual oferecida pela escola aborde com as crianças e os jovens as repercussões das mensagens transmitidas pela mídia, pela família e pelas demais instituições da sociedade. Trata-se de preencher lacunas nas informações que a criança e o adolescente já possuem e, principalmente, criar a possibilidade de formar opinião a respeito do que lhes é ou foi apresentado. A escola, ao propiciar informações atualizadas do ponto de vista científico e ao explicitar e debater os diversos valores associados à sexualidade e aos comportamentos sexuais existentes na sociedade possibilita ao aluno desenvolver atitudes coerentes com os valores que ele próprio eleger como seus (BRASIL, 1997).

Para Santos e Rubio (2013) a implementação da Orientação Sexual nas escolas contribui para o bem estar das crianças e dos jovens na vivência de sua sexualidade atual e futura e como objetivo principal estabelecer uma relação de melhor qualidade para si e sua própria sexualidade, fazendo com que eles possam vir a exercer sua sexualidade com maior prazer e responsabilidade.

Logo, conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997, p. 134) o tema deve ser organizado para que ao fim do ensino fundamental os alunos sejam capazes de:

Respeitar a diversidade de valores, crenças e comportamentos existentes e relativos à sexualidade, desde que seja garantida a dignidade do ser humano; Compreender a busca do prazer como uma dimensão saudável da sexualidade humana; Conhecer seu corpo, valorizar e cuidar de sua saúde como condição necessária para usufruir de prazer sexual; Reconhecer como determinações culturais as características socialmente atribuídas ao masculino e feminino, posicionando-se contra discriminações a eles associadas; Identificar e expressar seus sentimentos e desejos do outro; Proteger-se de relacionamentos sexuais coercitivos ou exploradores;

Reconhecer o consentimento mútuo como necessário para usufruir de prazer numa relação a dois; Agir de modo solidário em relação aos portadores do HIV e de modo propositivo na implementação de políticas públicas voltadas para prevenção e tratamento das doenças sexualmente transmissíveis/AIDS; Conhecer e adotar práticas de sexo protegido, ao iniciar relacionamento sexual; Evitar contrair ou transmitir doenças sexualmente transmissíveis, inclusive o vírus da AIDS; Desenvolver consciência crítica e tomar decisões responsáveis a respeito de sua sexualidade; Procurar orientação para adoção de métodos contraceptivos.

Logo é relevante saber diferenciar sexo de sexualidade. Segundo do Dicionário Michaelis (2002, p. 721-722), tem-se que: “Sexo é um conjunto de caracteres, estruturais e funcionais, segundo os quais um ser vivo é classificado como macho ou fêmea” Já “Sexualidade é o conjunto de todos os caracteres morfológicos e fisiológicos, externos ou internos, que os indivíduos apresentam, conforme o sexo a que pertencem”.

Muitas escolas, por não se sentirem plenamente capacitadas para a discussão, convidam pessoas de fora do universo escolar (médicos, psicólogos, especialistas) para realizarem palestras aos alunos. A prática demonstrou que esse recurso é considerado ineficaz. Falar sobre sexualidade requer intimidade e ela só acontece entre pessoas conhecidas e confiáveis. Assim, aqueles profissionais podem contribuir, e muito, na capacitação dos professores para que estes possam, então, desenvolver ações com as crianças e com os adolescentes que objetivem a construção de uma visão positiva da sexualidade.

A escola, ao oferecer a orientação sexual, estará contribuindo efetivamente para que seus alunos desenvolvam a comunicação clara nas relações interpessoais, elaborem valores a partir do pensamento crítico, compreendam o próprio comportamento e tomem decisões responsáveis a respeito de sua vida sexual, agora e no futuro.

## 2.5 A ESCOLA E A SEXUALIDADE

Sabe-se que dia a dia cresce o número de pais que se interessam pela educação sexual de seus filhos, empenhando-se em transmiti-la de forma mais adequada, sabemos também que em muitos casos, a escola e particularmente o professor; é a única entidade capaz de abranger todas as crianças no desempenho dessa tarefa e para isso não basta incluir tal conteúdo no currículo escolar. Mediante a cooperação de mestres inteligentes, pessoalmente bem ajustados à escola é o lugar de executar um programa amplo de longo alcance, em que cada assunto, desde a matemática até a educação artística, contribua com sua parte para uma interpretação geral do sentido do sexo na vida da criança.

Neste sentido, Hito e Bueno (2004, p. 60) relatam que:

A escola é nada menos que a primeira instituição da qual fazemos parte fora da família, é nosso contato com o mundo fora da proteção do lar, longe dos pais e dos irmãos. É onde temos que aprender a conviver com outras pessoas de origens diferentes, hábitos que não conhecíamos. É também, o local onde assumimos as primeiras responsabilidades pessoais, temos os primeiros compromissos.

A escola é junto com a família, a instituição social que maiores repercussões tem para a criança. Tanto nos fins explícitos que persegue expressos no currículo acadêmico e é observada em diferentes dimensões evolutivas (agressividade, sucesso escolar, socialização dos papéis sexuais) que são determinantes para o curso posterior de sua vida.

Segundo Tiba (1998, p. 32): “Ensinar é um gesto de generosidade, humanidade e humildade”. É necessário que os pais e professores se conscientizarem que independente da idade, a sexualidade está presente e as dúvidas devem ser esclarecidas e discutidas, de maneira objetiva, simples com humildade, pesquisando quando as questões apresentadas pelos filhos e alunos fugirem ao conhecimento dos pais.

Sabe-se que a mídia, os meios de comunicação, a família, os dogmas religiosos e os amigos, exercem forte influência no processo de formação de identidade sexual. Logo, a escola como uma instituição inserida na sociedade não pode se considerar um espaço ‘assexuado’ e neutro, pois ela é um espaço privilegiado para se discutir essas relações (SIMÕES, 2006, p. 46).

## 2.6 O PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM

Segundo Tardif (2002, p. 118): “Ao entrar em sala de aula, o professor penetra em um ambiente de trabalho construído de interação humana.”

Logo, um dos grandes desafios dos educadores é penetrar no mundo real dos alunos, isso acontece quando o aluno consegue acreditar no trabalho que os mesmos realizam na coautoria de seus fazeres. O fazer pedagógico de qualidade protocola os alunos, eleva sua autoestima, fazendo o próprio educando confiar em suas potencialidades e apesar de muitos virem de uma realidade social cruel, somente através do trabalho desenvolvido pelo professor conseguem acreditar que é possível mudar sua qualidade de vida. O ensinamento que na sua prática busca a melhoria social e intelectual dos seus alunos, acredita que os mesmos são capazes de reescrever sua própria história (FERRAZ, 2013).

Ferraz (2013) ainda comenta:

Cada estágio da afetividade, ou seja, as emoções, o sentimento e a paixão, pressupõem o desenvolvimento de certas capacidades, em que se revelam um estado de maturação. Portanto, quanto mais habilidade se adquire no campo da racionalidade, maior é o desenvolvimento da afetividade.

O autor vê assim que o início da aprendizagem humana se dá no âmbito familiar, e depois no social e na escola, ou seja, observa-se que existe um conflito quando a criança deixa o convívio familiar e é inserido na escola.. Nos dias iniciais do contato escolar, muitos alunos sofrem e outros não; em muitos casos os professores não são compreensivos e receptivos, prejudicando a vida acadêmica e o asco de certos alunos por determinadas disciplinas, aumentando o índice do insucesso escolar.

Neste ínterim Laura Monte Serrat (2005) ressalta dizendo: “A orientação sexual não pode ser uma matéria escolar, por que a sexualidade faz parte da vida, é uma matéria dinâmica do cotidiano e não dos livros, do quadro de giz ou sessões de vídeo”.

### 3 MATERIAL E MÉTODOS

#### 3.1 TIPO DE PESQUISA

Este trabalho foi realizado inicialmente a partir de pesquisas bibliográficas, que forneceram subsídios para melhor entender a importância da Orientação Sexual na Escola: uma reflexão sobre o processo ensino aprendizagem.

A pesquisa bibliográfica segundo Gil (2002, p. 44) é: “[...] desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros científicos”.

A pesquisa tem ainda a característica qualitativa que segundo Severino (2002, p. 145):

Quaisquer que sejam as distinções que se possam fazer para caracterizar as várias formas de trabalhos científicos é preciso afirmar preliminarmente que todos eles têm em comum a necessária procedência de um trabalho de pesquisa e de reflexão que seja pessoal, autônomo, criativo e rigoroso.

#### 3.2 PESQUISA DE CAMPO

Foi utilizada a pesquisa exploratória, devido à necessidade de um contato maior com o problema, para que as ideias fossem ser aprimoradas. Pois, segundo Gil (2002, p. 40), “estas pesquisas tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vista a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses”.

Os dados da pesquisa de campo foram fornecidos pelos alunos e professores através de questionários (apêndices em anexo) que após a devolução foi efetuado o tratamento dos dados que segundo Roesch (1999, p. 168): “[...] o pesquisador, ao encerrar sua coleta de dados, depara com uma quantidade imensa de notas de pesquisa ou de depoimentos que se materializam na forma de textos, os quais, terá de organizar para depois interpretar”.



Para manter a integridade da pesquisa, a pesquisadora se comprometeu a utilizar os dados da pesquisa somente para os fins propostos, preservando a identidade dos entrevistados, bem como a natureza da opinião de cada um deles.

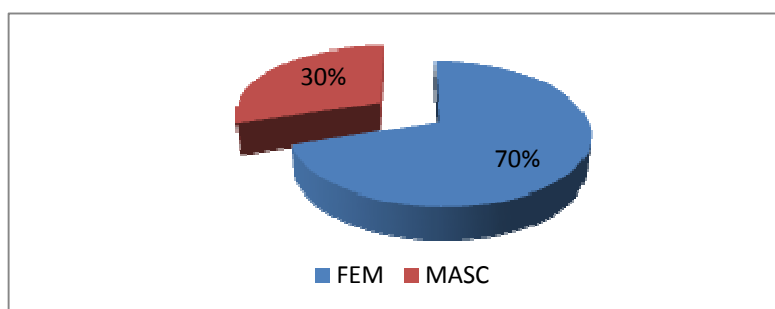
A coleta de dados foi efetuada através de questionários (apêndices em anexo), com perguntas fechadas com onze professores, sendo dois do ensino de Ciências, e 56 alunos da 8ª série do Ensino Fundamental de um Colégio Estadual Município de Ibaiti – PR.

### 3.3 ANÁLISE DOS DADOS

Na análise dos dados objetivou-se organizar e resumir os dados de forma a obter respostas ao problema proposto para a investigação. Neste sentido, as respostas foram analisadas, fazendo-se comparações entre os resultados obtidos através da aplicação de questionários e indicados em valores percentuais apresentados em forma de gráficos.

#### 3.3.1 Resultados e discussão do questionário aplicado aos alunos

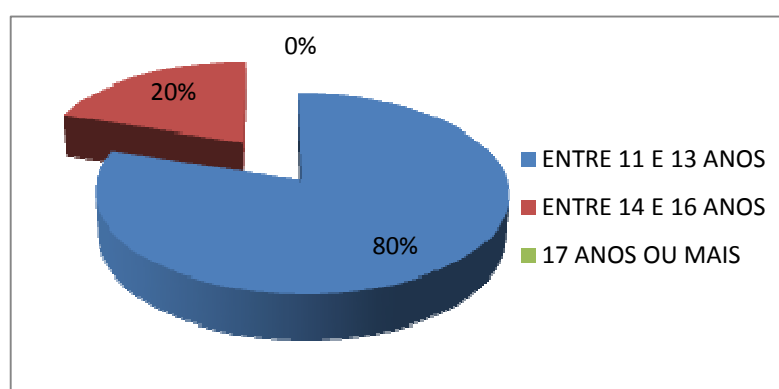
Na análise do significado das perguntas relacionados à expressão da sexualidade, uma importante abordagem resultou como fenômeno educativo e como questão pedagógica, uma vez que, forneceram dados, permitindo assim uma melhor relação na forma expressiva da sexualidade vivida pelos alunos e professores.



**Figura 1 – Tipo de sexo**

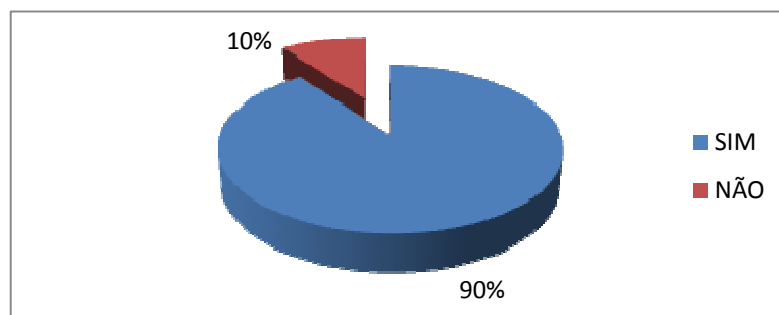
Na entrevista com os alunos, o resultado da figura 1, revela que esta pesquisa foi respondida por 70% de alunos do sexo feminino e 30 % do sexo masculino. Isso denota que os adolescentes do sexo feminino estão mais preocupados e tem maior interesse sobre a sexualidade de um modo geral. O fato é que a menina é educada, pela sociedade, como mais recatada em seu comportamento e brincar de forma mais delicada e os meninos já são mais despojados.

Assim, sendo segundo (MAIA, 2011) a escola um espaço ideal para o tratamento de questões polêmicas sobre a diversidade cultural e sexual, pois, além de ser um local onde as diferenças individuais são múltiplas e aparentes, é também um local onde o debate deve acontecer continuamente, com vistas à aprendizagem e à prática do pensamento crítico, promovendo entre todos os agentes escolares o convívio respeitoso e democrático.



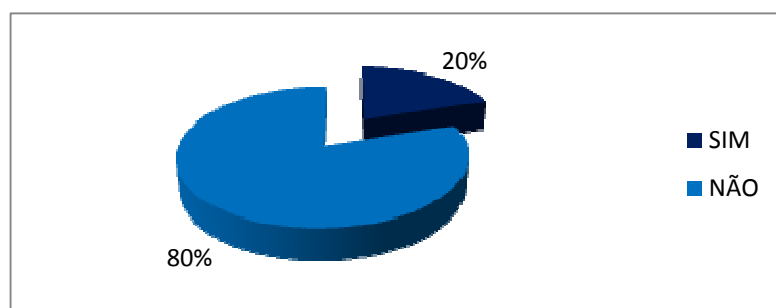
**Figura 2 – Idade dos alunos**

Na figura 2 a pesquisa foi respondida por 80% dos alunos entre 11 e 13 anos de idade e 20% entre 14 e 16 anos de idade. Aqui, pode-se verificar que os alunos até 13 anos foram os mais interessados no assunto, em questão. É um fator preponderante, pois segundo Canosa Gonçalves, et al. (2003, p. 62) em geral, é nesta fase do desenvolvimento que ocorrem as primeiras manifestações da sexualidade adulta, ou seja, o primeiro beijo, o “ficar”, o namoro, as primeiras experiências eróticas. Trata-se de uma busca pelo outro para um relacionamento afetivo-sexual. “A adolescência é uma fase de descobertas, de desafios e a sexualidade humana talvez seja, para a maioria dos jovens, o aspecto mais interessante desta jornada”.



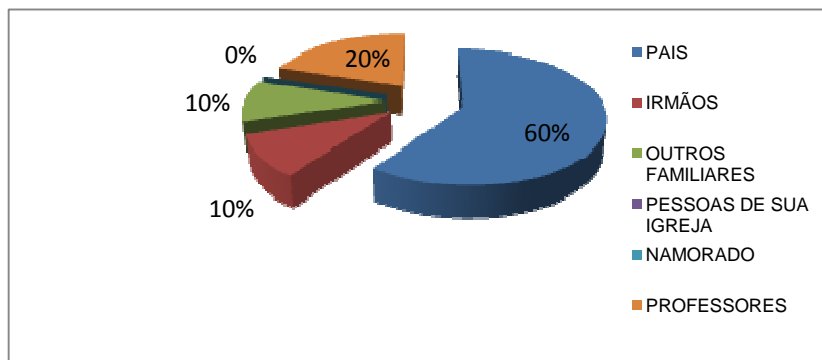
**Figura 3 – Importância da educação sexual na escola**

Na figura 3, observa-se que 90% dos alunos responderam achar importante ter educação sexual na escola e, somente 10% responderam que não. Sabe-se que a sexualidade se manifesta, [...] em todo e qualquer espaço em que o sujeito, meninos e meninas, homens e mulheres, está inserido” (JESUS, 2007, p. 190), assim, se faz relevante a discussão a respeito da educação sexual na escola. Considerando que as crianças carregam consigo as vivências do contexto social no qual estão inseridas, inclusive as vivências sexuais, a escola não deverá omitir-se diante das perguntas, das dúvidas e das manifestações da sexualidade ocorridas nas salas de aula, nos pátios e nos corredores.



**Figura 4 – Dúvidas sobre sexualidade**

Na figura 4 nota-se que 80% dos alunos não se sentem a vontade para conversar e esclarecer dúvidas sobre a sexualidade. Portanto, falar sobre sexo e sexualidade não é uma tarefa muito fácil, pois a riqueza dessa dimensão humana e toda a sedimentação de significações que historicamente se acrescentou sobre a mesma, acabaram criando algo de estranho sobre do sujeito humano com sua própria sexualidade, conforme relatos de Nunes (1987, p. 13).

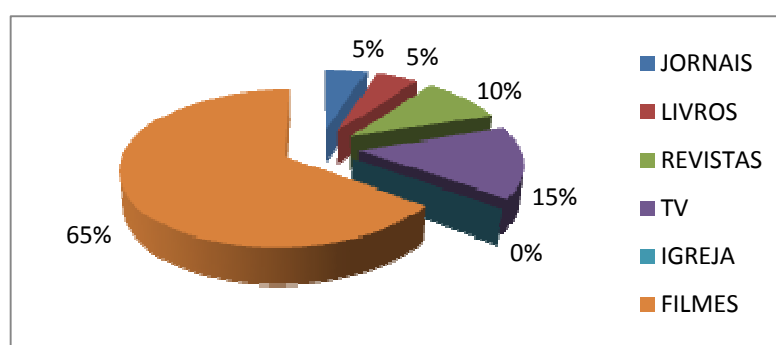


**Figura 5 – Com quem conversar sobre sexualidade**

Na figura 5 vem demonstrar que os professores ainda não estão conversando abertamente com seus alunos, pois este gráfico deixa claro que os alunos em torno de 60% conversam com seus pais sobre sexualidade, 10% com os irmãos e também 10% com outros familiares e somente 20% com seus professores.

Percebe-se que a sexualidade possui diferentes condições, aparências e sentidos, e por isso se modifica no decorrer do tempo. Desse modo compreende-se que a sexualidade está sempre aberta a novos valores e novas práticas de significação.

Assim, é importante uma boa orientação sexual, que de acordo Martins (2008, p. 46), a boa orientação sexual deve incentivar sempre a reflexão. Pois, como já dizia Freud: ‘sede de conhecimento parece ser inseparável da curiosidade sexual’.



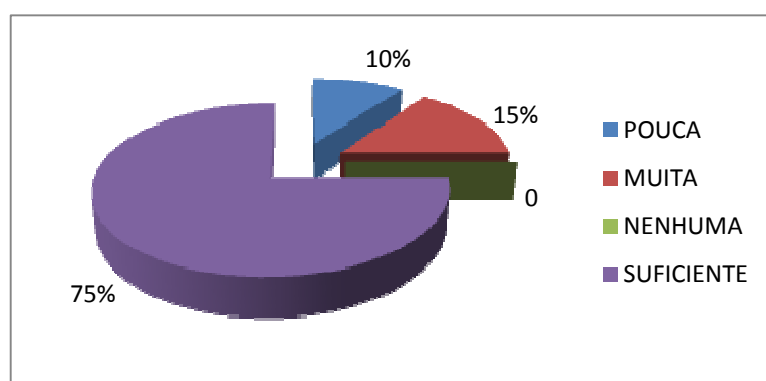
**Figura 6 – Como obter informações sobre sexualidade**

Na figura 6, em torno de 65% assistem a filmes inerentes ao assunto e em menor percentual leem jornais, livros e revistas. Além de conversar sobre sexualidade, os adolescentes procuram mais informações através dos meios de

comunicação, sendo que a maioria assiste a programas relacionados com a sexualidade na TV

Segundo Vasconcelos (*apud* Nunes, 2003, p.18):

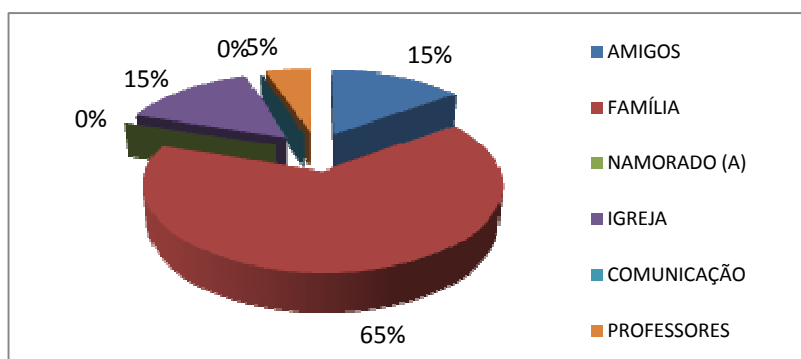
Educação sexual é abrir possibilidades, dar informações sobre os aspectos fisiológicos da sexualidade, mas principalmente informar sobre suas interpretações culturais e suas possibilidades significativas, permitindo uma tomada lúcida de consciência. É dar condição para o desenvolvimento contínuo de uma sensibilidade criativa em seu relacionamento pessoal.



**Figura 7 – Informação sobre sexualidade**

Na figura 7, dos entrevistados, 75% responderam que acham suficiente as informações recebidas sobre a sexualidade.

A sexualidade envolve os sentimentos, emoções e comportamento, estando assim o adolescente sempre em busca de novas informações. Neste sentido é importante que os educadores reconheçam essa necessidade de aprender, da curiosidade, e estejam aptos a ajudá-los.

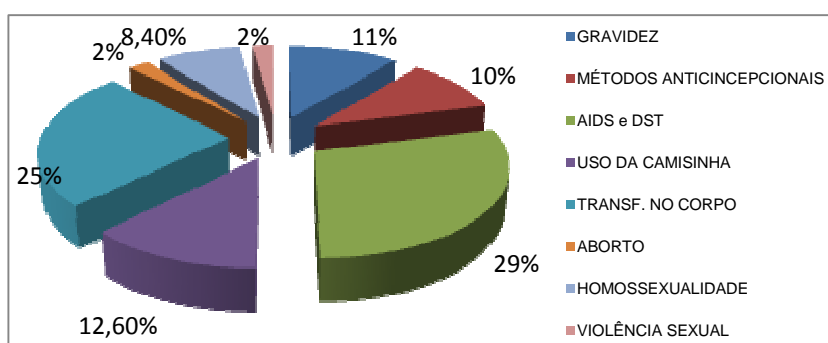


**Figura 8 – Opiniões levadas em conta ao tomar decisões sobre seu comportamento sexual**

Na figura 8 deixa claro que os adolescentes em torno de 65% levam em conta a opinião de sua família em relação ao seu comportamento sexual. 15% preferem as opiniões dos amigos ou pessoas ligadas à sua igreja e somente 5% ouvem a opinião do professor.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais: [...] a escola, ao propiciar informações atualizadas do ponto de vista científico e ao explicitar e debater os diversos valores associados à sexualidade e aos comportamentos sexuais existentes na sociedade, possibilita ao aluno desenvolver atitudes coerentes com os valores que ele próprio eleger como seus” (Brasil, 1997, p. 300).

Isto mais uma vez mostra que a escola precisa estar mais engajada nesta luta de conscientização sobre a sexualidade, onde é preciso que se estabeleça uma relação de confiança entre professores e alunos.



**Figura 9 – Assuntos que têm mais dúvidas e que gostariam de conversar**

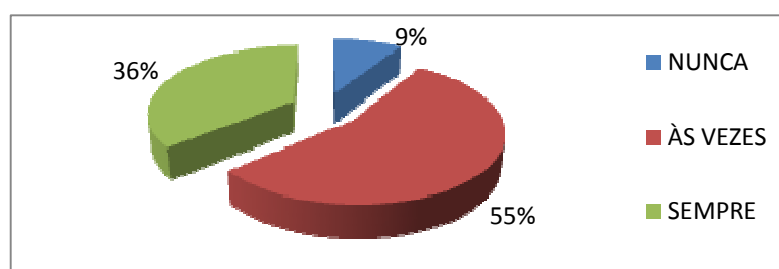
Na figura 9, nota-se que 29% dos adolescentes procuram tirar suas dúvidas em relação a AIDS e outras doenças sexualmente transmissíveis (DST) e que 25% querem têm dúvidas sobre as transformações que ocorrem em seu corpo e em seguida com 12,6 % quanto ao uso da camisinha e em menor escala os demais itens.

A adolescência é a faixa de idade que apresenta a maior incidência de doenças sexualmente transmissíveis (DST). Aproximadamente, 25% de todas as DST são diagnosticados em jovens com menos de 25 anos. As DST representam um sério impacto na saúde reprodutiva das adolescentes, porque podem causar esterilidade, doença inflamatória pélvica, câncer de colo uterino, gravidez ectópica, infecções puerperais e recém-nascidos com baixo peso, além de interferir negativamente sobre a auto-estima (MARTINS, et. al., 2006).

Neste contexto geral em entrevista com os alunos, conclui-se que mesmo tendo 60% de alunos que conversam sobre sua sexualidade com os pais, 90% acham importante aprender sobre educação sexual na escola. Porém, não se sentem a vontade para conversar ou esclarecer algumas dúvidas, então, assistem a programas na TV ou filmes inerentes ao assunto. 75% dos entrevistados acham que têm informações suficientes, mas mesmo assim estão sempre em busca de novas informações. Logo, caracteriza-se que os adolescentes estão preocupados com sua sexualidade

### 3.3.2 Resultados e discussão do questionário aplicado aos professores

Quando perguntados a importância da educação sexual na escola, todos os professores entrevistados foram unânimes em julgar como muito importante a educação sexual na escola. No atual contexto, a escola não pode deixar passar despercebida a orientação aos seus alunos, mesmo enfrentando grandes dificuldades, uma vez que, a sexualidade faz parte do indivíduo e deve também fazer parte do processo ensino-aprendizagem da escola, já que a escola é uma instituição com o intuito de educar. Segundo os PCN's: "O trabalho de orientação sexual na escola é um dos fatores que contribui para o conhecimento e valorização dos direitos sexuais e reprodutivos" (BRASIL, 2001 p. 131).

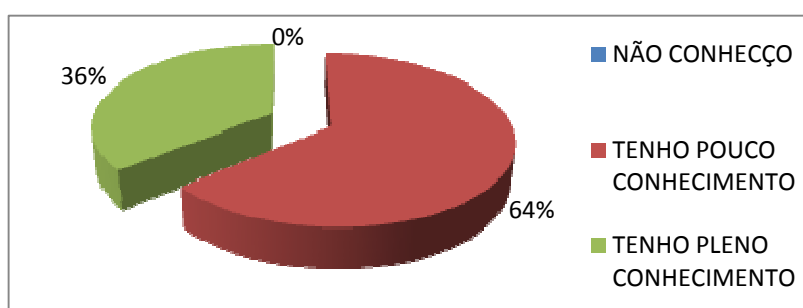


**Figura 10 – Desenvolvimento da sexualidade dentro da disciplina**

Na figura 10, quando perguntado aos professores que participaram da pesquisa se conseguiam desenvolver esse tema em sua disciplina, infelizmente 10% responderam que nunca, 60% às vezes, mas, 30% sempre. (LUZ, 2007) a

sexualidade humana figura como um dos temas mais inquietantes e, quase sempre, mais recusados no universo prático do educador. Entretanto, cada vez mais a escola tem sido convocada a enfrentar as transformações das práticas sexuais para além de tudo o que a sexualidade, num contexto histórico-cultural, foi reprimida e relegada ao silêncio.

Assim é relevante que os professores independentes de suas disciplinas, falem sobre sexualidade com seus alunos, pois muitas vezes eles enfrentam dificuldades sobre sua própria sexualidade o que lhes causa sérios problemas futuros.



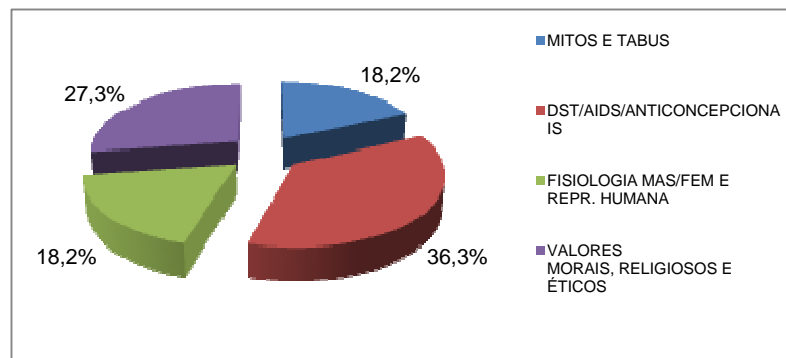
**Figura 11 – Conhecimento sobre a abordagem da educação sexual nos PCNs**

Na figura 11, verifica-se que 64% dos professores têm um pouco de conhecimento sobre a abordagem da educação sexual nos Parâmetro Curriculares Nacionais – PCNs, e infelizmente somente 36% têm pleno conhecimento, o que verifica-se que falta interesse por parte dos professores em

Segundo Brasil (2000) os PCNs são propostas do Ministério da Educação para contribuir ao professor a melhor forma de ensino, ou seja, ele é um instrumento para o professor no apoio das discussões pedagógicas, na elaboração de projetos educativos, no planejamento das aulas, na reflexão sobre a prática educativa e também na análise do material didático, possibilitando ao professor se atualizar profissionalmente

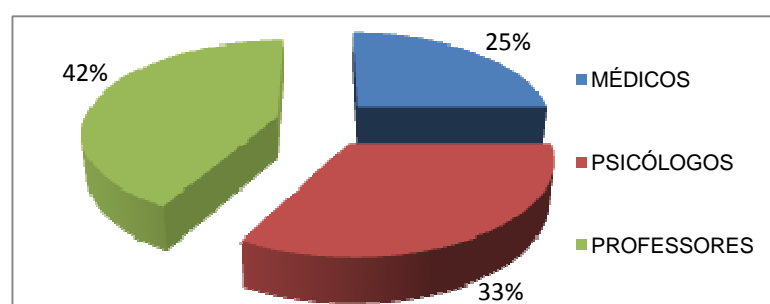
Ainda segundo os PCNs a sexualidade é importante na vida do ser humano, ela está e estará presente em suas várias formas e representações nas mais diferentes áreas da experiência e existência humana, sejam elas, corporais, emocionais, sociais, ética, moral, e até religiosa. A sexualidade humana é ampla e abrange mais que o genital ou biológico manifestando desde o momento do nascimento até o momento da morte.





**Figura 12 – Preocupação dos professores ao trabalhar a educação sexual**

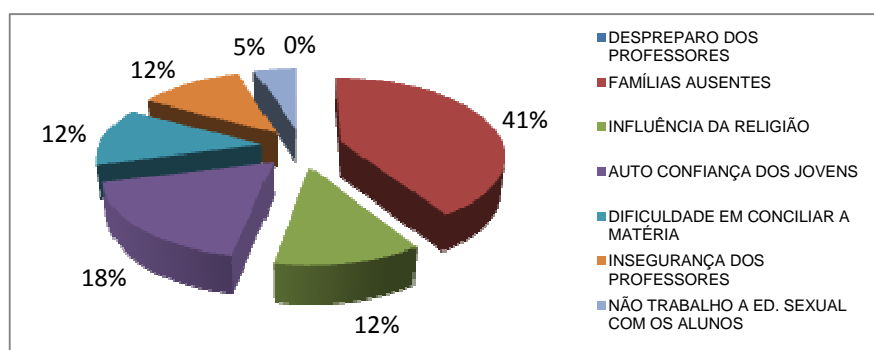
A figura 12, com relação ao trabalho dos professores sobre a educação sexual, 36% responderam que deveriam passar mais informações sobre DST/AIDS e métodos anticoncepcionais pois é na adolescência, que a educação sexual deve ser antecipada e formal, tendo como objetivo preparar o jovem para as mudanças que vão ocorrer do ponto de vista físico, fisiológico, emocional e social. O trabalho educativo em sexualidade para adolescentes não deve se constituir em transmissão de crenças, mitos e tabus, valores e preconceitos sexuais ou em imposição de “verdades”. Ao contrário, deve favorecer trocas de dogmatismo, de forma que os adolescentes possam expressar, refletir, discutir, questionar e optar livre e responsabilmente acerca de suas condutas no campo da afetividade e, especificamente, de sua vida sexual (MANDU et al., 2002).



**Figura 13 – Profissional mais indicado para trabalhar com a sexualidade dentro da escola**

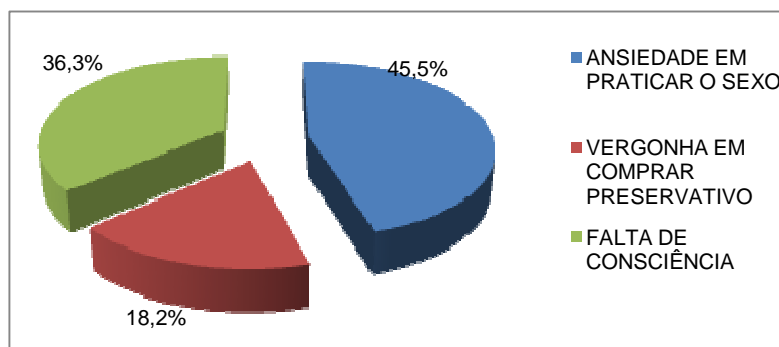
Na figura 13, verifica-se que 42% dos professores entrevistados acham que eles é que tem a melhor indicação para fornecer informações sobre a temática sexualidade dentro da escola. 33% acham que seriam os psicólogos e 25% os médicos.

É relevante que psicólogos e médicos, apresentem palestras nas escolas, pois, muitas vezes também é importante para sanar alguma dúvida dos professores. Porém, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais – Temas Transversais: 5ª a 8ª séries, a orientação sexual (educação sexual no âmbito escolar) é concebida como tema transversal, ou seja, como temática que deve perpassar todas as disciplinas ministradas nas escolas, devendo ser trabalhada a partir de três eixos norteadores: (a) corpo: matriz da sexualidade; (b) relações de gênero; (c) prevenção das doenças sexualmente transmissíveis/AIDS. É destacado que o trabalho de orientação sexual “[...] supõe refletir sobre e se contrapor aos estereótipos de gênero, raça, nacionalidade, cultura e classe social ligados à sexualidade [...]” (BRASIL, 1998, p. 316).



**Figura 14 – Maiores desafios no trabalho com educação sexual na escola**

Na figura 14, mostra que dos professores que participaram desta pesquisa, 41% acham que a ausência da família é o maior desafio encontrado ao trabalhar a educação sexual na escola. Isto ocorre, porque muitos pais têm vergonha ou mesmo não sabem tratar deste assunto com seus filhos e acham que a escola, na responsabilidade dos professores, é o melhor caminho. Em segundo lugar com 18% aparece o sentimento de auto confiança dos jovens, que acham já saber tudo e assim não tem interesse pelas aulas. Os demais itens ficaram em torno de 12% no sentido de proibição por parte da religião a que pertencem, outros professores têm dificuldades em conciliar com a sua matéria e também insegurança dos professores diante das reações e perguntas dos alunos e infelizmente 5% não trabalham mesmo a educação sexual com seus alunos.



**Figura 15 – Fator principal para a proteção sobre sexo seguro**

Na figura 15, para 45,5% dos professores que participaram da pesquisa os jovens mesmo com todas as informações nas mídias sobre sexo seguro, julgam que a ansiedade em praticar o sexo e 36,3% a falta de consciência é que levam os adolescentes a não praticarem sexo com segurança e apenas 18,2% acham que eles têm vergonha de comprar preservativos.

Neste contexto geral, conclui-se que a escola e professores estão preocupados com a sexualidade dos adolescentes e trabalham para este fim, mas infelizmente ainda faltam muito a ser revisto, como por exemplo, professores que acham que a sua disciplina não comporta a temática em questão. Assim, é importante que a educação reveja este assunto, pois a escola é a transmissora de saberes e sexo também é saúde.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vida escolar é a primeira experiência social da criança fora do ambiente familiar, é na escola que ela começa a perceber o mundo o qual faz parte. Os colegas, a professora, a própria instituição de ensino que frequenta, com suas regras, são o modelo, o referencial da sociedade que começa a conhecer e com a qual ira se relacionar.

Este trabalho através da análise bibliográfica e pesquisa de campo, fez uma reflexão sobre a orientação sexual na escola, onde verificou-se que a sexualidade faz parte do contexto social, uma vez que além da família, cabe à escola se fazer presente, não como controladora da vontade do sujeito, mas como aquela que estabelece uma linha de reflexão sobre o tema sexualidade.

Para isso é preciso entender que independente da área de conhecimento do educador sempre podem ser incluídos conteúdos de orientação sexual e deve trabalhar a sexualidade despojada dos mitos, tabus e preconceitos que é ainda a melhor maneira dos profissionais da educação abordar esse assunto, visto que atualmente, os jovens iniciam as atividades sexuais muito cedo e sem as devidas precauções e cuidados. Logo, os professores devem sempre buscar subsídios para tratar com tema com afetividade, buscando a confiança dos alunos.

Segundo a percepção dos professores, também, é importante que a escola faça palestras com médicos e psicólogos e agentes inerentes ao tema, convidando familiares e a comunidade num todo para que assim, pais e filhos, vão estreitando suas relações com referência a educação sexual.

## REFERÊNCIAS

AQUINO, J. G. (org). **Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1997.

BALEEIRO, M. C et al. Introdução. In: \_\_\_\_ **Sexualidade do adolescente: fundamentos para uma ação educativa**. Belo Horizonte: Fundação Odebrecht, 1999.

BOCK, A. M. B.; et. al. **Psicologia: uma introdução ao estudo de psicologia**. 13. ed., São Paulo: Saraiva 1999.

BOZON, M. **Sociologia da sexualidade**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

BRASIL – Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: temas transversais: 5ª a 8ª séries**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

\_\_\_\_\_.BRASIL, Parâmetros Curriculares Nacionais. **Pluralidade cultural e orientação sexual**. Brasília: DP&A, 2000.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação e Cultura. Parâmetros Curriculares Nacionais. **Pluralidade cultural e orientação sexual: temas transversais**. Brasília, 2001.

CABRAL, J. T. **A sexualidade no mundo ocidental**. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

CANOSA GONÇALVES, A. C. et al. **Sexualidade responsável: gravidez na adolescência**. São Paulo: PlanMark, 2003.

FAVERO. C. **O que é sexualidade?** Disponível em: <<http://www.infoescola.com/sexualidade/o-que-e-sexualidade/>>. Acesso em: 12 out. 2013.

FERRAZ, M. R. **A importância do fazer pedagógico no processo ensino aprendizagem e a intervenção do psicopedagogo**. Disponível em: <<http://meuartigo.brasilecola.com/educacao/importancia-fazer-pedagogico-processo-aprendizagem.htm>>. Acesso em 13 out. 2013.

FREITAS, K. R.; DIAS, S. M. Z. Percepções de adolescentes sobre sua sexualidade. **Texto e Contexto** – Enfermagem. v.19, n. 2, p. 351 – 357, abr/jun, 2010.

GARCIA, L. J. V. **O processo de educação sexual na escola**. Florianópolis, 2005, 81 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Mestrado em Educação e Cultura do Centro de Ciências em Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina. 205. Disponível em: <[http://www.tede.udesc.br/tde\\_arquivos/10/TDE-2006-08-10T172148Z-224/Publico/LUCIANA%20JUVELINA%20VAZ.pdf](http://www.tede.udesc.br/tde_arquivos/10/TDE-2006-08-10T172148Z-224/Publico/LUCIANA%20JUVELINA%20VAZ.pdf)>. Acesso em: 12 out. 2013.

GUIA DE ORIENTAÇÃO SEXUAL. **Diretrizes e metodologia**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.

GUIMARÃES, I. **Educação sexual na escola: mito e realidade**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.

HITO, C. F. C.; BUENO, M. J. **Limites na educação dos filhos e sua influência no contexto escolar e social**. Tomazina: Igol, 2004.

MONTE SERRATA, L. Orientação sexual. **Construir Notícia**- nº 25-dez/2005. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/sexualidade/orientacao-sexual/>>. Acesso em 14 out. 2013.

JESUS, R. M. B. Implicações da ação docente sobre as questões de sexualidade e gênero na escola. **Revista Faced**. Salvador, Universidade Federal da Bahia, n. 11, p. 189-199, jan./jun. 2007.

LUZ, L. O. **Subjetividade e sexualidade no contexto escolar**. Disponível em: <<http://discutindoformacaodeprofessores.blogspot.com.br/2010/06/sexualidade-e-escola.html>>. Acesso em: 13 dez. 2013.

MAIA, A. C. B. et al. Relações entre gênero e escola no discurso de professoras do ensino fundamental. **Psicologia da Educação**. São Paulo. n. 32, jun. 2011. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1414-69752011000100003&script=sci\\_arttext](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1414-69752011000100003&script=sci_arttext)>. Acesso em: 03 fev. 2014.

MANDU, E. N. T.; CORRÊA, A. C. P.; VIEIRA, M. A. Conhecimentos, valores e vivências de adolescentes acerca das doenças de transmissão sexual e AIDS. **Revista Brasileira Crescimento Desenvolvimento Humano**, v. 10, n. 1, p. 74-90, 2002.

MARTINS, L. B. M. et. al. Fatores associados ao uso de preservativo masculino e ao conhecimento sobre DST/AIDS em adolescentes de escolas públicas e privadas do Município de São Paulo, Brasil. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, a. 2, n. 22, p. 315-323, fev./2006.

MARTINS, A. R. O assunto é sexo. E é sério. **Revista Nova Escola**, São Paulo, v. 214, n. 214, p. 46, ago. 2008.

MICHAELIS. Dicionário escolar: língua portuguesa. **Sexo, sexualidade**. São Paulo: Melhoramentos, 2002.

NUNES, C. A. **Desvendando a sexualidade**. Campinas, SP: Papyrus, 1987.  
\_\_\_\_\_. **Filosofia, sexualidade e educação**: as relações entre os pressupostos ético sociais e histórico-culturais presentes nas abordagens institucionais sobre a educação sexual escolar. Tese. Doutorado em Educação. Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, 1996.

NUNES. C. A. **Desvendando a sexualidade**. 5. ed. Campinas: Papyrus, 2003.

NUNES. C.; SILVA, E. A. **Educação sexual da criança**. Campinas: Autores Associados, 2006.

SAYÃO, I. Orientação sexual na escola: os territórios possíveis e necessários. In: AQUINO, J. G. **Sexualidade na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summues, 1997.

SANTOS, I. A.; RUBIO, J. A. S. A orientação sexual nos anos iniciais do ensino fundamental: possibilidades e desafios. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**. v. 4, n. , p. 10, 2013. Disponível em:  
<<http://www.facsao Roque.br/novo/publicacoes/pdf/v4-n1-2013/Inaia.pdf>>. Acesso em: 13 dez 2013.

SIMÕES, H. Mitos, tabus e preconceitos. **Atividades & Experiências**. Curitiba, a. 7, n. 2, p. 46, jun 2006.

TIBA, I. **Adolescência**: o despertar do sexo. São Paulo: Gente, 1994.

\_\_\_\_\_. **Ensinar aprendendo**: como superar os desafios do relacionamento professor-aluno em tempos de globalização. São Paulo: Gente, 1998.

\_\_\_\_\_. **Quem ama, educa**. 5. ed. São Paulo: Gente, 2002.

ZANINI, O. **Como viver a sexualidade**. 6. Ed. São Paulo: Loyola, 1997.



## APÊNDICES

**APÊNDICE A – Questionário aplicado aos alunos**

- 1) Sexo: ( ) Feminino ( ) Masculino
- 2) Idade:
- ( ) Entre AA 1 13 anos
- ( ) Entre a4 e 16 anos
- ( ) 17 anos ou mais
- 3) Você acha importante ter educação sexual na escola?
- ( ) Sim
- ( ) Não
- 4) Você se sente à vontade para conversar e esclarecer dúvidas sobre sexualidade?
- ( ) Sim
- ( ) Não
- 5) Com quem você conversa sobre sexualidade?
- ( ) Pais
- ( ) Irmãos
- ( ) Outros familiares
- ( ) Pessoas de sua Igreja
- ( ) Namorado
- ( ) Professores
- 6) Além de conversar, como você se informa sobre questões relativas à sexualidade?
- ( ) Jornais
- ( ) Livros
- ( ) Revistas
- ( ) Programas de TV
- ( ) Igreja
- ( ) Filmes

7) Você acha que as informações que você tem sobre sexualidade é:

- Pouca
- Muita
- Nenhuma
- Suficiente

8) Que opiniões você leva mais em conta ao tomar decisões sobre seu comportamento sexual?

- Dos amigos
- Da família
- Do (a) namorado (a)
- De pessoas de sua Igreja
- Dos meios de comunicação
- De professores

9) Marque, entre os assuntos abaixo relacionados, aqueles em que você tem mais dúvida ou que gostaria de conversar mais sobre eles com alguém:

- Gravidez
- Métodos anticoncepcionais
- AIDS e outras doenças sexualmente transmissíveis
- Uso de camisinha
- Transformações que ocorrem no corpo do(a) adolescente
- Aborto
- Homossexualidade
- Violência sexual

**APÊNDICE B – Questionário aplicado aos professores**

1) Qual a importância da educação sexual na escola que você julga necessária:

- ( ) não tem importância
- ( ) é pouco importante
- ( ) É muito importante

2) Você consegue desenvolver esse tema em sua disciplina?

- ( ) Nunca
- ( ) Às vezes
- ( ) Sempre

3) Qual seu conhecimento sobre a abordagem da educação sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental:

- ( ) Não conheço
- (...) Tenho pouco conhecimento
- ( ) Tenho pleno conhecimento

4) Ao trabalhar na escola, a educação sexual deveria se preocupar mais com 9se necessário pode marcar mais de uma alternativa):

- ( ) Mitos e tabus acerca da sexualidade humana
- ( ) Informação sobre DST/AIDS e métodos anticoncepcionais
- ( ) Descrição da fisiologia masculina e feminina e reprodução humana
- ( ) Discussão acerca dos valores morais, religiosos, éticos vigentes em nossa sociedade

5) Quem você acha que é o profissional mais indicado para trabalhar com a temática sexualidade dentro da escola?

- ( ) Médicos
- ( ) psicólogos
- ( ) Professores

6) Quais os maiores desafios que você encontra no trabalho com educação sexual na escola hoje?

- Despreparo dos professores
- Família ausentes
- Influência da religião
- Sentimento de auto confiança dos jovens, que acham que sabem tudo
- Dificuldade de conciliar a matéria com esse assunto
- 9  Insegurança dos professores diante das reações e perguntas dos alunos
- Não trabalho a educação sexual como meus alunos

7) Mesmo com todas as informações nas mídias sobre sexo seguro, qual fator, você julga ser o principal para que os jovens não tomes esse cuidado?

- Ansiedade em praticar o sexo
- Vergonha em comprar preservativo
- Falta de consciência